

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 657

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO
ARCINHO

HISTÓRIA dum BALÃO

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA



O balão da nossa história estava arrumado dentro duma caixa, dobradinho sobre os outros irmãos.

Aborrecia-se ali muito.

Ouvia lá fóra, na loja, risos de crianças, a

quem compravam brinquédos, e éle, sempre ali metido, não gozava a vida! Tinha ainda outro grande desgosto.

Nascido há pouco, via-se cheinho de de rugas!

Mas, certo dia, o caixeiro abriu a caixa, tirou-o dali e encheu-o de gaz.

Foi, então, um deslumbramente!

O balão sentiu-se inchar, inchar tanto que as rugas lhe desapareceram.

Começou a subir, até que foi dar uma cabeçada no tecto!

Ficou furioso com a tábuá onde batera...

Sua insetimetida! Se não fôsse você ia a caminho do céu, pela certa! — exclamou, enraivecido.



Nisto, puxaram-lhe pelo cordel que tinha preso ao pé e, num repelão, viu-se cá em baixo.

Muito enjoado com aquela descida rápida, quis fugir mas reparou, então, que um menino pegara no fio que o prendia e o levava para a rua.

Ainda resistiu!

Emquanto o pequenino o puxava para um lado, o balão, teimoso, voava para dentro da loja.

Por fim, sentiu um sópro muito frio, que lhe batia na pele macia e percebeu que estava ao ar livre.

Aquele vai-vém de gente, o grande barulho dos automóveis, interessava-o.

O pior eram os empurrões que apanhava!..

Volta e meia ia de encontro a uma parede, ou abalroava com as cabeças das pessoas mais altas, porque o menino que o levava era tão pequenino que éle não podia subir à sua vontade.

Mal disposto, atordoado, ao dobrar uma esquina, conseguiu soltar-se-lhe das mãos.

Então, voou à solta, indo, finalmente, pousar num ramo duma árvore, porque o cordel se enleara ali

Em baixo, o pequeno berrava e o rapazinho atirava-lhe pedras.

Muito feliz, agora, o balão olhava o céu, admirando aquele outro balão de luz que lá andava! Se éle conseguisse chegar também a tamanha altura, seria talvez outro sol, assim brilhante!

Mas, quando éle menos esperava, um garoto mais atrevido trepou à árvore e arrastou-o, entregando-o, outra vez, ao menino, que deixou de chorar.

Com o cordel preso ao dedinho do pequeno, continuou o seu caminho, resmungando, mal encarado: — Isto de crianças, afinal, só se fizeram para maçar os balões!

Ao chegar a casa, o rapaz soltou o cordel e... pumba!... lá foi bater na inevitavel tabuá do tecto!

Deixaram-no só e agora, que já tinha visto o céu, o balão, muito maçade,



não podia suportar aquele insípido espectáculo!

Veio a noite, tudo escureceu e nem sequer iluminaram aquela casa!

Ninguém mais ali entrou.

O balão, sem forças para se conservar no ar, começou a descer e, ao tocar no chão, resvalou para baixo dum «mapple».

De manhã, acordou ouvindo um grande berreiro.

Era o menino que chorava, julgando o seu balão perdido.

Com um pequeno movimento, o balão conseguiu mexer o cordel que ficara estendido pelo chão.

(Continua na página 6)

A LIÇÃO DE MILITA

por ZITA MARTA

Passou-se o que vou contar no mês de Maio, o mais lindo mês da Primavera...

Maria Emilia, a Milita, sentada num banco do seu florido jardim, esperava ansiosamente a chegada dos padrinhos, que tinha convidado para virem assistir ao jantar do seu aniversário natalício. Completava naquêlê dia as suas 15 primaveras!

Sentia-se satisfeita, plenamente feliz, pois tinha a consciência de sempre haver agradado a seus pais que a adoravam, bem como a tôda a família. Não só era uma linda rapariga, como inteligente, boa, educada e trabalhadora, o que fazia com que fôsse estimada por quantos a conheciam. Distraidamente folheando um livro, sentiu que alguém lhe vendava os olhos com umas mãos finas e perfumadas, e que, ao mesmo tempo, esforçando-se por disfarçar a voz, lhe perguntava:

— «Milita, sabes quem sou?»

Um tanto assustada mas risonha, Milita respondeu:

— «Ora, quem há-de ser? A Nélinha!»

Não foi preciso mais para que Nélinha retirasse as mãos, abraçando-a, com as mais calorosas exclamações.

Terminado o cumprimento, apresentou a Milita três amigas que levava consigo, a-fim-de que a casa tivesse, naquêlê dia, mais animação. Elsa, (Lé-ninha), Maria de Lourdes (Milú) e Madalena (Lena) eram as três amigas de Nélinha.

Milita, discretamente, fechou o livro que havia pouco atraía todo o seu

interesse. Mas Nélinha, que era muito perguntadora, tratou de saber que livro era...

Milita, então, propôs o seguinte:

— «Este livro foi o presente de anos que me deu a Avózinha. Se quiserem adivnhem de que trata. A' que adivinhar dou outro igual, pelo seu aniversário.»

A Nélinha, prontamente, respondeu:

— «Algum romance moderno?»

— «Um livro de estudo?» disse a Elsa.

— «Talvez um livro de versos?» exclamou a Milú.

A Lena que, como as três amigas, era uma menina excessivamente moderna, objectou: — «E' talvez uma novela, de autor português, daquelas que tanto nos entusiasmam! Adivinhei!...»

Milita, então, observou-lhes:

— «Todas se enganaram... É um livro de cozinha!»

— (Riso geral) — Vejam lá que lembrança!... Um livro de cozinha...»

E riam... riam, perdidamente...

Milita, sensata como sempre, inquiriu, interessada:

— «De que se ríem? Acham a oferta desagradável? Pois estou bem satisfeita por a Avózinha ter tido a ideia de me dar êste livro. Não me envergonho de vos dizer que gosto imenso de cozinhar. Dá-me a impressão de que estou, em férias, na quinta da Avózinha, a dirigir o serviço da cozinha, com um vestido leve e um grande avental, lidando como uma autêntica cozinheira! E a satisfação de oferecer um jantar feito por mim?! Oh! se soubessem como estou contente

com o livro! Tem receitas tão boas!...

E após uma pausa, prosseguiu:

— «Vocês não gostam de cozinhar?»

— «Não! responderam tôdas a um tempo: — E as nossas mãos que se estragavam na cozinha?!»

Milita, mostrando as suas, alvas e finíssimas, tornou: — «Vejam as minhas como estão brancas e macias!



Todos os dias, a-pesar-de tudo, vou praticar para a cozinha, a-fim-de, quando vierem as férias grandes, ser já uma excelente cozinheira! O tempo que nos proporciona oportunidades para tudo, dá-nos também ensejo de tratar das mãos, logo após a tarefa dos cozinhados. Hoje, por exemplo, fui eu quem fez os doces para o jantar e, no entanto, as minhas mãos nada sofreram.

Nélinha e Lena, que são muito lambareiras, voltam: — «Sinceros parabéns, Milita! Estamos ansiosas por provar os teus doces; ensinas-nos algumas receitas?»

As duas irmãs, Milú e Lesinha, exclamam, depois de terem conferenciado uma com a outra: — «Nós também lhe pedimos um favor: Como se aproxima o aniversário do nosso pai, gostávamos muito que a Milita fôsse à nossa casa assistir à festa, e...

(Milita, por brincadeira): — «E... ensinar-vos, também, a fazer doces?»

(Elsa): — «Sim; também lhe agradecemos que satisfaça êsse nosso desejo.»

Milita, com um sorrizinho trocista: — «E as vossas lindas mãos? Não têm receio de as estragar?»

Tôdas, a um tempo. — Não, Milita, já não nos importamos com isso.»



QUEM MAL FAZ...

POR FRANCISCO VENTURA

D. Macaco, certo dia,
Que lhe havia de lembrar?
Fazer partida ao Orango
Que andava, ao longe, a passear.

E se bem o meditou,
Claro está, melhor o fez,
Que um macaco é sempre forte
Em coisas dêste jaez.

E lá foi, todo lampeiro,
Com um serrote na mão,
Preparar grande partida
Que era da sua invenção:

Curtar quási por completo
O ramo onde, dentro em pouco,
Havia de vir o Orango
Dar cambalhotas de louco.



E ao pensar no grande tomo,
No tremendo trambulhão
Que daria o pobre bicho,
Quando ali pusesse a mão,

O maior contentamento
D. Macaco em si sentia,
Dava pulos e saltinhos,
Ria, ria, ria, ria.

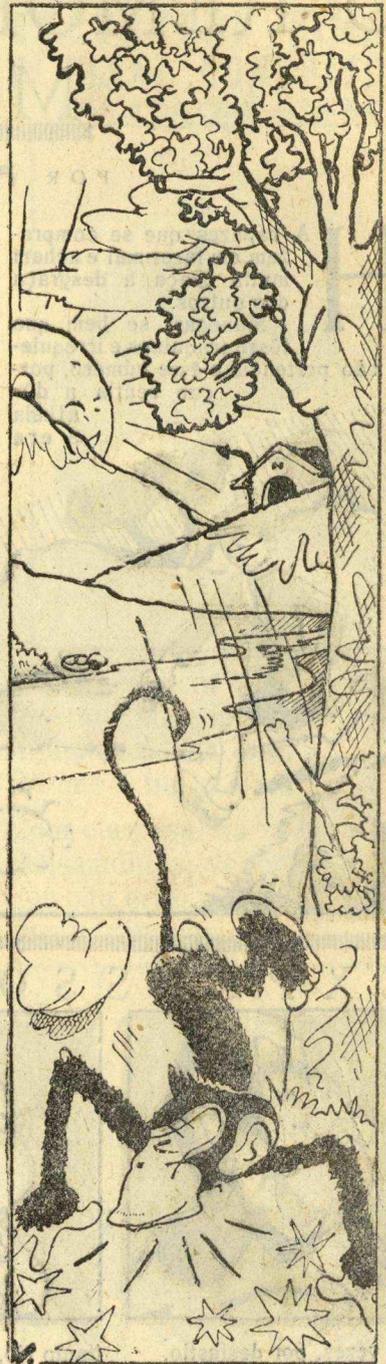
Mas como há sempre uma coisa
Para o que é mau castigar,
D. Macaco — vejam lá —
Que se havia de lembrar?

Quando tinha o corte feito,
Ir o ramo exp'rimentar,
Para ver se, fácilmente,
Já o podia quebrar.

Porém, logo que, risonho,
Lhe tocou com sua mão,
Com pasmosa rapidez
Veio de ventas ao chão.

E fez um tremendo galo,
Pois bateu numa raís,
Escalavrou os joelhos,
Esborrachou o nariz.

E ao fugir para bem longe,
Ia todo envergonhado,
Pois aos outros fazer mal
Nunca dá bom resultado.



(Nêlinha, suplicante): «Militar, explica-nos como se fazem aqueles bôlos que costumam fazer para o lanche...»

Milita: — «Não vos devia ensinar para não estragarem as vossas lindas mãos, mas vá lá: — Deitam-se num prato côvo seis claras de ovo que se batem em castelo...»

Nêlinha, que é muito preguiçosa: — «Que maçada... não gosto nada de...»

Milita: — «De os comer?...»

— «Não; de bater as claras.»

Milita: — «Bem; então, não continuo.»
Pedido geral: — «Continua, queremos saber!»

Nêlinha, com entusiasmo: — «Amanhã, faço a experiência!»

Milita, após curto silêncio: — «Bom... Depois das claras batidas, juntam-se-lhe as gêmas, e mexem-se com duzentos e cinquenta gramas de açúcar, e o mesmo peso de farinha, marmelada, e uma casca de cidra, ralada. Depois de tudo bem batido, fazem-se os biscoitos que vão ao forno numa lata. E' preciso muito cuidado com a temperatura do fogão, que deve manter-se sempre igual. No fim de prontos, polvilham-se com açúcar, e... creio que é escusado dizer-vos que se comem... (Para a Nêlinha): — Sabes como se chamam?»

— «Não sei!»

— «Biscoitos de Portugal.»

Tôdas (agradecendo): — «Muito obrigadinha; amanhã já vamos experimentar a ver se os sabemos fazer como a Milita.»

Ouve-se: uma busina de automóvel, ao portão do jardim. Milita, com entusiasmo: — «São os meus Padrinhos; vamos ao encontro deles!»

Correm tôdas: direitas ao portão, onde os padinhos de Milita tiram do automóvel uma grande quantidade de embrulhos que seguem para casa, levados pelas quatro amigas, ansiosas pelo jantar, a-jim-de provarem os deliciosos bôlos da Milita.

O REMORSO, CASTIGO DAS MÁS ACCÕES

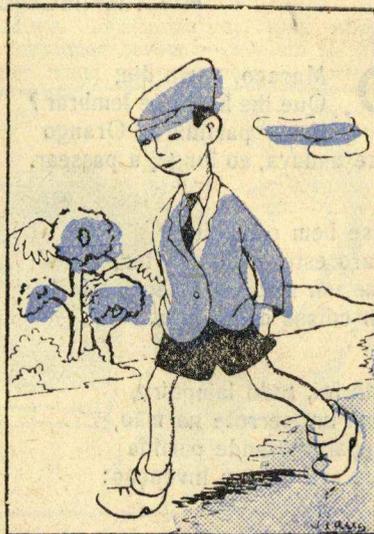
POR AGOSTINHO DOMINGUES

HA rapazes que se comprazem em fazer mal e acham muita graça à desgraça dos outros.

Manecas, se bem que fôsse traquinas e irrequieto, não pertencia a êsse número, porque sentia a dôr alheia e era

incapaz de ficar insensível diante de qualquer maldade dos seus companheiros. A força, porém, de conviver com êles, acabou por contrair os seus maus hábitos e os seus defeitos, tão verdadeiro é o adágio: — «Diz-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens.»

Ora, certo dia, aconteceu que o Manecas, indo passear sozinho, encontrou à beira da estrada, a dormir, um pobre velho que regressava da feira da vila, com um cêsto cheio de galináceos que não conseguira vender.



Extenuado pela caminhada e triste pela falta de negócio e pela fome que não pudera matar, tão precária era a sua situação, sentara-se ali, encostado a um pinheiro e, sem dar pela aproximação da noite, adormeceu.

Manecas, de sorriso nos lábios e

EXPRESSIONES de CHICO MACACO



Às vezes, por desfastio, ou por motivo engraçado,



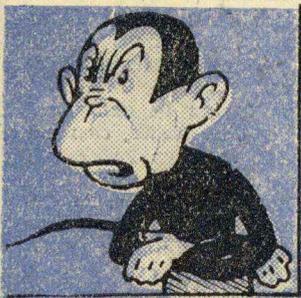
tanto rio, tanto rio que chego a estar embaçado.



Estou despreocupado? Olho indiferente, assim...



Mas fico desconfiado se acaso alguém ri de mim.



Se vejo que estão trocando, e se o trocista é teimoso,



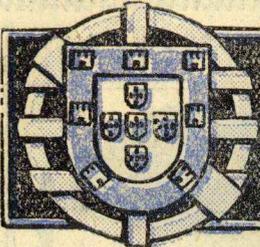
aos poucos me vou toldando, fico medonho raivoso.



Se p'ra tal tenho motivo, espantado eu fico logo.



E se no que vejo há p'rigo, dou às «de Vila Diogo».



COSTUMES PORTUGUESES

TIPOS DE LAMEGO



Lamego, rincão formoso,
no Alto-Douro situado,
de belo vinho espumoso
e do presunto afamado.

Terra onde há sempre alegrias,
e nunca mágoas nem tédios;
procissões e romarias
à Senhora dos Remédios.

maldade no coração, aproximou-se, sorrateiramente, e levantou uma ponta da rede que segurava os galináceos no cesto. Um atrás do outro, todos os galos e galinhas saltaram logo, e o endiabrado rapaz, já ao largo, escondido atrás dum pinheiro, ria, a bom rir, antegozando a aflicção do pobre velho quando, ao despertar, dêsse pela falta da criação. E não tardou que isso acontecesse. Um galo mais folgazão, ao ver-se em liberdade, soltou o seu có-cró-có tão repenicado que o pobre homem acordou.

E, então, é que era ver a sua atrapalhação. Sem saber para onde voltar-se, exclamava:

— «Ora esta, ora esta, que vai ser de mim, agora? Para que me deixei

dormir? Valha-me Deus!... Nossa Senhora me acuda! Mas como foi isto? A rede estava tão segura...»

E correndo e chamando, de um lado para o outro, chorava já a sua pouca sorte, por não conseguir deitar a mão a um só galináceo, quando Manecas, impressionado ante a sua aflicção, saiu do esconderijo, resolvido a reparar o mal que lhe fiserá. Correu a uma sua fazenda próxima, onde colheu duas espigas de milho maduras e, com aquele cereal que lhes ia lançando, apanhou os galos e galinhas, um a um.

O pobre velho, já cheio de contentamento, exclamava:

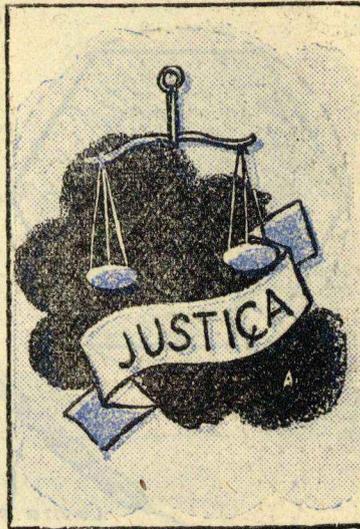
— «Ai, meu menino, que bom que é!

(Continua na página 6)

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



Gravai-me bem na lembrança
Êste singelo conceito:
A justiça é uma bal....
De que é fiel o dir....!

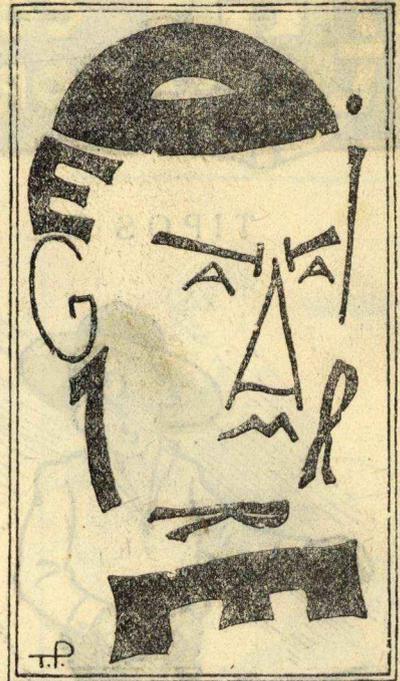
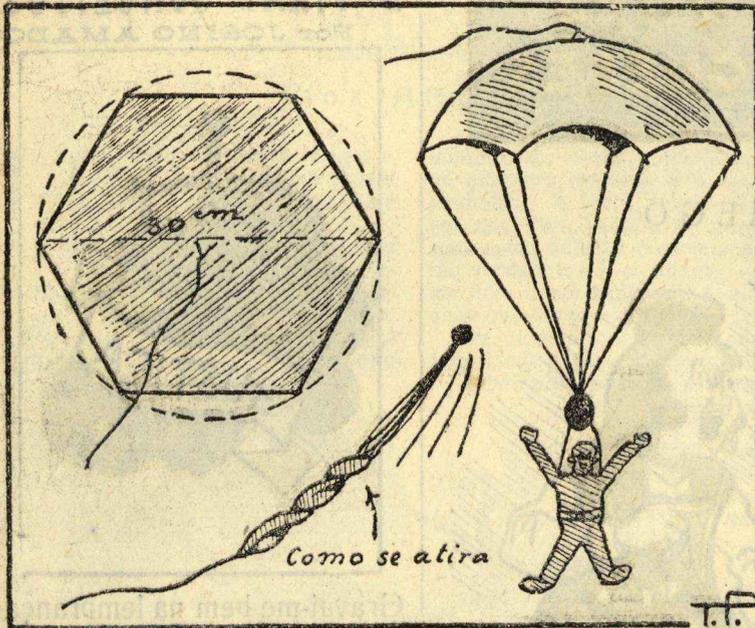
Com ela pesai na vida
Pensamentos, volições,
Por não errar a med...
Dos juizos, das acç...!



Cuidado, dizem os sábios,
No falar serás escasso,
Palavra, fora dos l.....,
E pedra solta no esp...!

Do reflectir, do pensar,
O proceder antecede-o,
«Mais vale a droga arram...
Do que tardio rem....!»

COMO SE FAZ UM PARA-QUEDAS QUEM A DIVINHA? ...



Recortem em pano ou mesmo em papel, uma figura semelhante à que se vê na gravura (1). Atem às seis pontas do pano, seis linhas e, a estas últimas, um pequeno chumbo ou até uma pedra. Para realçar, prendam um boneco ao chumbo; posto isto, fica pronto o pára-quadras.

Podem atirá-lo dum andar alto ou, então, atirá-lo ao ar da seguinte forma :

Prendam no centro do pano uma linha. Peguem-lhe com a mão direita, e com a esquerda torçam um pouco o tecido do pára-quadras.

Façam-no girar, umas poucas de vezes, à laia de funda... e aí vai ele por ares e ventos.

Vê-lo-eis, então, abrir-se e cair suavemente.

Achar o nome, nas letras que formam esta cara, dum outro ilustre escritor português, autor de algumas obras primas do teatro nacional.

Solução do número anterior :

Guerra Junqueiro — Nasceu em Freixo-de-Espada-a-Cinta em 1850 e faleceu em Lisboa em 1923. Eis algumas das suas obras mais notáveis: — «Velhice do Padre Eterno», «Patria», «Os Simples», «A Musa em Férias», etc.

O remorso, castigo das más acções

(Conclusão da página 5)

Mal sabe a alegria que me dá!...

Mas o Manecas, roído pelo remorso, não pôde deixar de lhe responder:

— «Não me agradeça, que fui eu quem soltou as suas galinhas.»

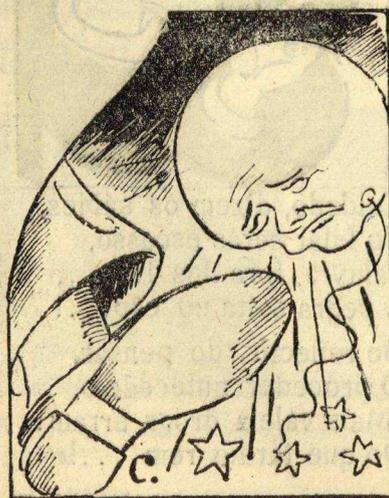
E, envergonhado da sua feia acção, afastou-se logo que repôs tudo no seu lugar. Aquela maldade serviu-lhe de lição. Foi tal a impressão que lhe causou o desgosto do velho galinhei-

ro, que não tornou a achar graça às maldades de qualquer espécie e durante muito tempo sentiu o remorso da sua má acção.

F I M

HISTÓRIA DUM BALÃO

(Continuação da página 1)



O pequeno deu por êle e tratou logo de o apanhar, mas, ó decepção!, o seu lindo balão, que era tão redondo e cheio, estava do tamanho duma tangerina, mirrado e chupadinho.

O pequeno teve, então, uma idea.

Soprou-o com toda a força.

Mas o balão, assim só cheio de vento, em lugar de subir, desceu com um ar muito abatido e ficou a um canto da casa, dando uns pulinhos ridículos.

O menino, desanimado, chamou o irmão, um rapaz alto e muito abrutado.

— O Manuel, o balão não quere subir!

Vai o outro pespegou-lhe um pontapé, exclamando: — «Isto só serve para <foot ball>».

O pobre balão, lembrando-se de que fôra quasi um sol, pensou em morrer como um balão afamado.

Com certeza, daria um tal estoiro que abalaria o prédio!

Num esforço derradeiro, — enquanto o rapaz continuava aos pontapés a êle, atirou-se para cima duma caneta, espetada sôbre a mesa.

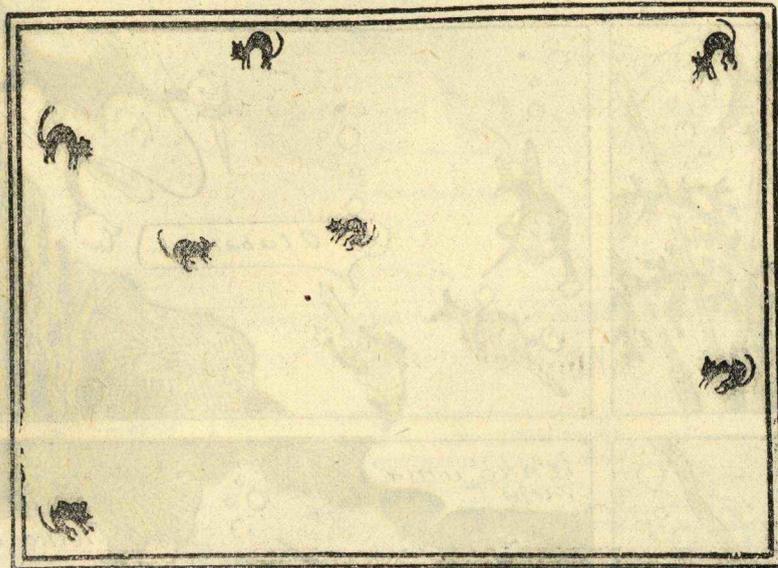
A caneta furou-lhe a pele e o balão reventou, fazendo um: — pfff!... tão fraquinho que ninguém ouviu?

Êle, que sonhara sêr tão grande na terra ou no céu, nem mesmo na morte foi notável, morrendo ainda mais modestamente do que vivera!



CURIOSIDADES

A D I V I N H A



Estes gatos foram fechados, por pessoa de maus instintos, no mesmo recinto. É claro que desataram a suprar e a ouriçar o lombo em atitudes bem pouco tranquilizadoras.

E se não lhes acodem os leitores, de-

certo acabam por se comer uns aos outros.

Vejam, pois, se os separam, mas empregando para isso três linhas rectas, apenas.

Consegui-lo-hão?

COMO SE FAZ UMA MOLA

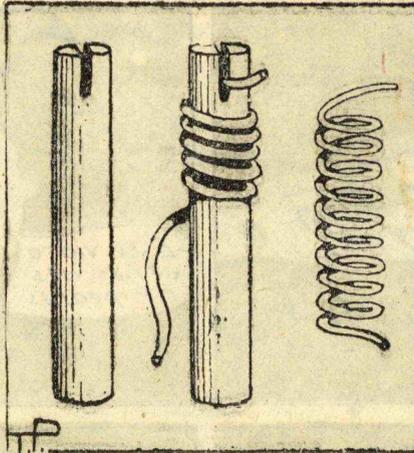
Sabem os leitores fazê-la, se de tal tiverem precisão?

Se não sabem, olhem para a gravura que é bastante elucidativa.

Representa um cilindrozinho de madeira com uma racha numa das extremidades, e indica a forma de enrolar o arame e, em seguida, a mola depois de pronta.

É claro que nem todos os arames servem.

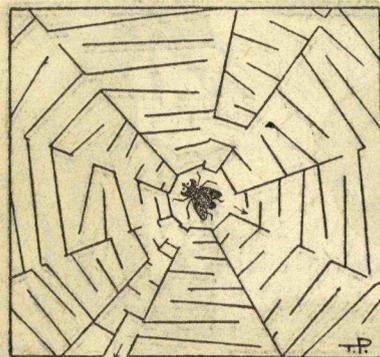
Devem usar os de aço, de preferência.



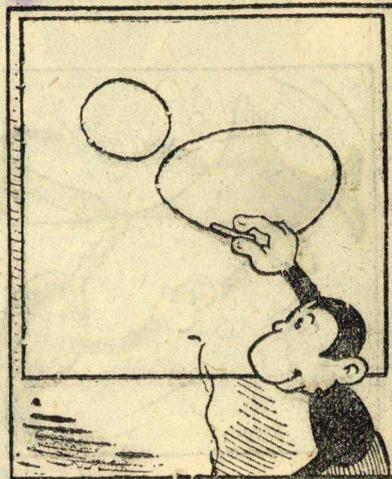
LABIRINTO

Esta mósca, por desgraça, numa teia foi cair... Por mais esforços que faça, não pode de lá sair!

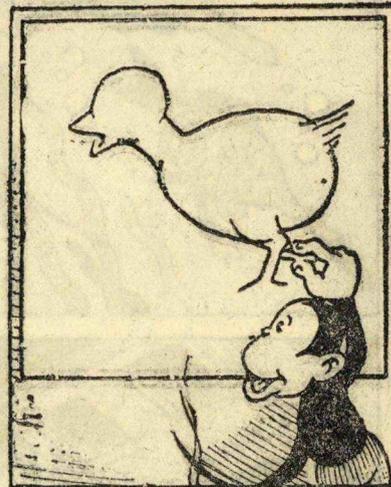
Leitor, o apêlo aqui fica; pratica uma boa acção! A' pobre da mósca indica o sair da... «enrascacão.»



CHICO, PROFESSOR DE DESENHO



Começa nova lição!
Aluno, preste atenção



As linhas aqui traçadas.
Vá vendo bem que eu não minto...



As linhas bem retocadas
Vêm por força a dar num pinto.

O CASTIGO DO TUBARÃO

HISTORIA MUDA

AVENTURAS DE UM PEIXE ESPADA, DUM PEIXE AGULHA E DUM PEIXE SERRA

